



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

POR

ANÃO SABICHÃO

Desenhos de A. CASTANÉ

O leão, o tigre, o rinoceronte, o chagal e muitos outros animais dos mais ferozes, tinham já abandonado a bicha dos bichos. Achavam-se descontentes por eu ter ouvido, em primeiro lugar, vários animais que, lá no seu entender, lhes eram inferiores.

Pois, a-pesar-disso, a grande bicha continuava interminável!

O tempo ia correndo e não havia maneira de eu dar conta do recado!

Custava-me deixar de ouvir a bicharia e, de toda a maneira, estava ali aproveitando o meu tempo, visto que as suas piadas, contos e reclamações distraiam os leitorzinhos do «Pim-Pam-Pum!»

Mas, verdade, verdadinha, eu é que já estava bastante farto de tanta balbúrdia!

Fôra ali em busca de repouso e não ouvia se não barulho e discórdia à minha volta!

Até, nesse dia em que a coruja chamara a mansa ovelhinha, esta baliu, desesperadamente, mesmo antes de começar o seu discurso.

Um pouco impaciente, bradei:

— Dize lá o teu recado, mas deixa-te de lamúrias!...

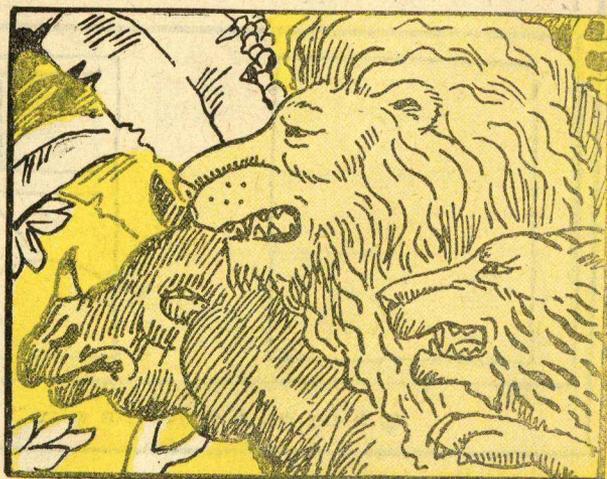
Ela ainda baliu com mais força para me responder:

— Como queres tu que eu não me lamente! O bicho homem teima em não me ligar nenhuma consideração!...

— E porque havia éle de te tratar nas palminhas? Que importância tens tu? Só dás na vista pela tua pouca esperteza! Sempre és um animal que nem sequer distingue as ervas do campo que te podem fazer mal! Quantas vezes as ovelhas reventam por serem, assim, parvinhas!... Comem, a torto e a direito, tudo o que vêem em frente!...

Outra vez lamentosa, a ovelha tornou:

— Também tu, Anãozinho, me diriges injúrias! Pode ser que os meus miolos sejam fraquinhos! Mas, se não entendo de ervas, tenho outra utilidade!...





Já arrependido dos meus modos bruscos, com pena da ovelhinha que me olhava com uns olhos lacrimosos, atalhei:

— Desculpa as minhas palavras e conta-me o que pretendes.

— Enche-me de indignação o desprezo injustificável que têm por mim! Porque, afinal, o homem não passa dum ser meu protegido!

— Parece-me que sofres do pecado do orgulho, amiga ovelha! Quem diria que, com os teus ares tão mansos, me saías uma revoltada! Os tem-

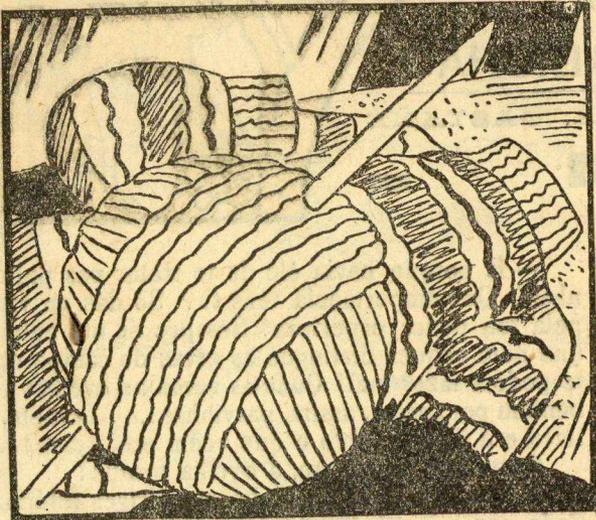
pos estão muito mudados! . . . Até a tua mansidão se transformou! . . . Eu sei onde tu queres chegar! . . . Queres dizer que vestes o homem . . .

— Com o meu fato já usado! Porque só depois de eu despir a minha lã, é que êle se serve dela!

Fiquei admirado com êste raciocínio, inesperado, num animalzinho tão tanso!

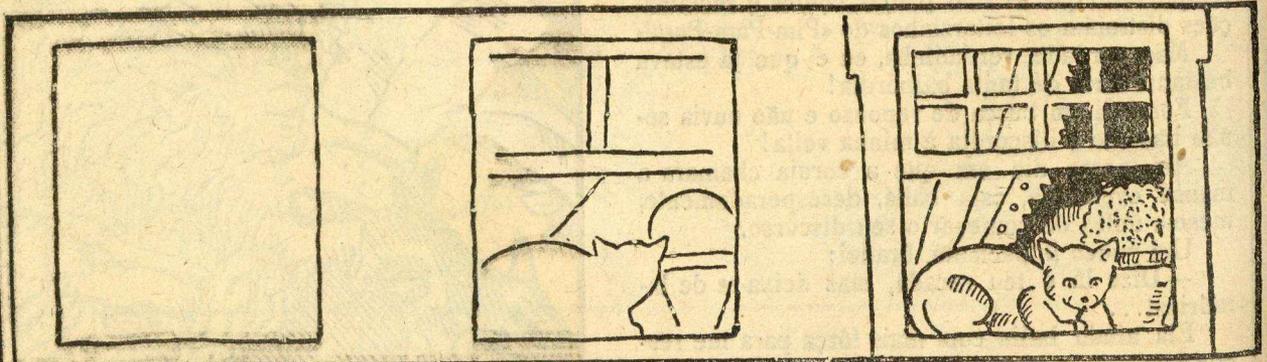
— Concordo que te tratei, ainda agora, sem a consideração que mereces! Também eu, no inverno, tenho um casaquinho da tua lã, que me sabe que nem ginjas, e para te provar que me podes ser útil, mesmo no verão, vou pedir-te se me levas no teu lombo, para uma passeata, aí pelos arredores.

— Com todo o gôsto, Anãozinho! — baliu de lá a ovelhinha, muito amável, já de todo esquecida das ofensas que tanto a haviam preocupado.



■ F I M ■

L I Ç A O D E D E S E N H O

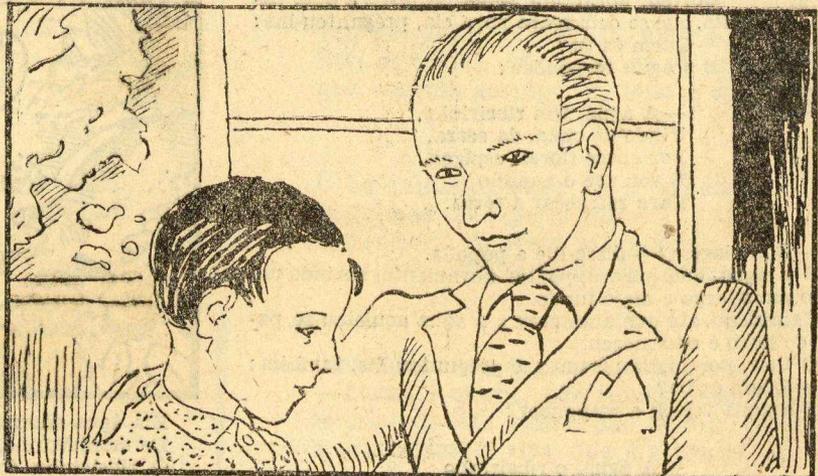


Como se desenha um gato á janela

PRÊMIO MERECIDO

POR ARGENTINITA

MUITO embora o Josézinho,
Seja muito pobrezinho,
E' bonzinho, obediente.
Tem respeito pelos velhos,
E atende, sempre, os conselhos
Que eles lhe dão, docemente.



Logo pela manhãzinha,
Salta, lesto, da caminha
E vai, alegre, o petiz,
Estudar, com muito amor,
Para um dia ser doutor,
Como com graça êle diz...

Muito alegre e prazenteiro,
Na aula é sempre o primeiro,
E tudo sabe de côr...
E' por todos estimado,
E, como exemplo, apontado
Pelo velho professor!...

Já um e outro contava
O tempo que os separava
Desse momento anseado!

(De que já fazia idea!)
Brincar, correr sôbre a areia,
Tão douradinha, tão linda!

Estavam à porta as férias,
O tempo em que as coisas sérias
Se põem sempre de lado!
A essa idea, os petizes,
Saltavam, riam, felizes,
Num doce murmúrio alado!

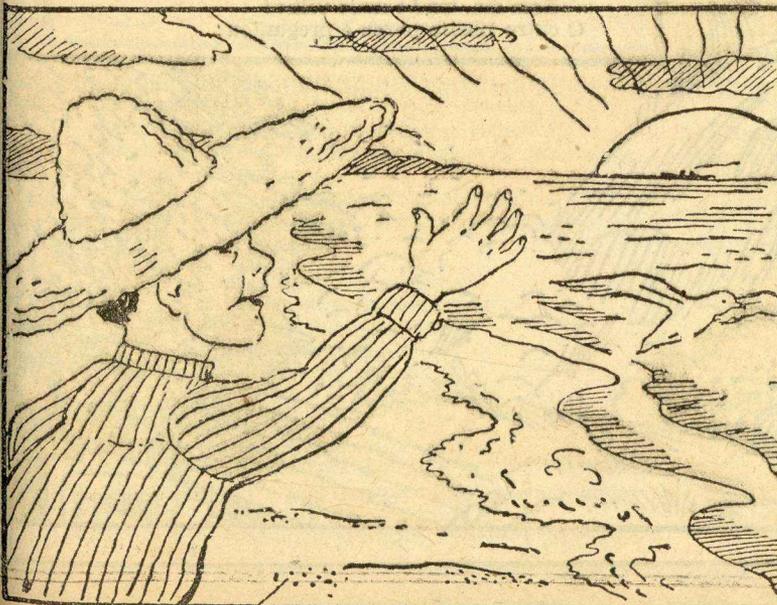
Só o pobre Josézinho,
Lá num canto, coitadinho,
Tudo ouvia, tristemente,
Porque êle sabia bem,
Que sendo pobrinha a mãe,
Não podia, certamente,

Mas, por acaso, isto ouviu
O bom professor que viu
O ar triste da criança;
Então, com toda a ternura;
Vai junto dele e murmura
Estas palavras de esp'rança:

Andar descalço à gandaia,
A brincar na vasta praia
Eis o seu sonho dourado!

Levá-lo p'ra beira-mar,
Tomar banhos, ter bom ar,
E, numa alegria infinda,

— «Aos ques são estudiosos,
Aos meninos respeitosos,
Nunca Deus há esquecido!
Por isso tu, Josézinho,
Que estudas e que és bonzinho,
Terás o prêmio devido!»



«Irás, pois, gozar, também,
Do belo mar todo o bem,
Brincar, saltar com ardôr.

(Continúa na página 7)

A ÁGUA do MOÍNHU

POR ANTONIO GONÇALVES

NASCERA num monte um fiozinho de água, muito clara e fresca.

Correu, abriu um sulco na terra e uma papoila, que se debruçara para ela, perguntou-lhe:

— Quem és tu?

E a água respondeu:

— A água. Um ribeirinho,
Vindo de cima, da serra,
Por entre flores, espigas,
E vou até o moínho
Para refrescar a terra.

— Boa viagem! — disse-lhe a papoila.

E a água, que parara, partiu novamente, abrindo um sulco mais largo e mais fundo.

Caminhou, até que anoiteceu e a água aquietou-se, parou de novo e adormeceu.

O luar, porém, despertou-a e perguntou-lhe, também:

— Quem és tu?

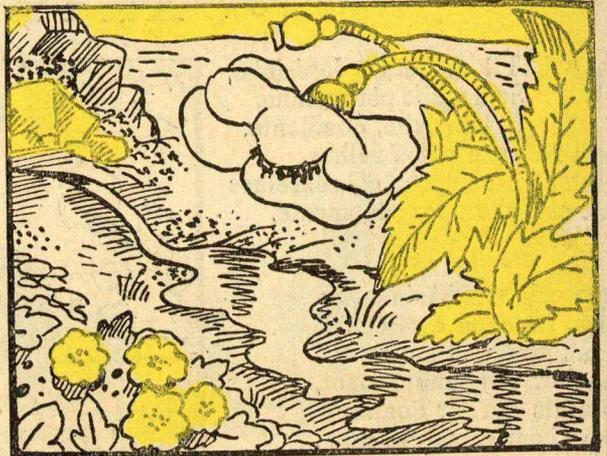
E a água voltou a responder:

— A água, o ribeirinho
Que nasceu lá pela serra.
Vou dormir um bocadinho
P'ra levantar-me cedinho
E ir refrescar a terra.

O luar, então, segredou-lhe:

— Pois dorme, que eu vou pratear o teu dorso e amanhã, quando despertares, serás mais linda, mais fresca e mais alegre.

Quando partires, parte cantando, para alegrares os campos e as searas.



E a água adormeceu tranqüilamente.

De manhãzinha, despertou e era já mais ligeirinha.

O ribeirinho tomou mais vulto e já caminhava a cantar.

Saltava sobre as pedrinhas do caminho sem dificuldade e ia alargando, cada vez mais, o seu leito.

Uma borboleta branca, que andava pelo campo, pousando de flôr em flôr, viu a água, aproximou-se e disse-lhe:

— Detem-te um bocadinho. Deixa-te ficar por aqui. És tão fresca, tão clarinha, que sinto pena vêr-te partir.

E a água respondeu:

— Eu não posso, vou correndo,
Tenho pressa de chegar,
E não paro no caminho.
Venho de cima da serra
Por entre flores, espigas,
Em busca das raparigas
Que lavam roupa a cantar
E vou crescendo, crescendo.
Vou procurar um moínho
E refrescar tôda a terra.

E continuou o seu caminho. Desceu a serra, correu mais e encontrou outro ribeirinho:

— Bom dia, irmão mais velho!

O outro ribeiro parou e perguntou:



A P R A I A

Por GRACIETTE BRANCO

Sol, muito Sol! A praia é uma fornalha,
onde a vista se queima, deslumbrada!
As crianças, com seus chapéus de palha,
saltitam pela areia prateada!

O mar anda contente e a praia em festa!
Há, nos olhos, sorrisos de alegria!
Sob os toldos, existe um ár de sesta,
que convida ao repouso, todo o dia!

As peles são de bronze. O corpo todo,
pela sublime acção do Sol 'scaldante,
e ao saudável contacto do iodo.
dão-me a visão duma África distante...

O barquilheiro passa e vai levando
as gulosas crianças, a correr...
E a rodinha da sorte vai rodando,
e as bocas vão sorrindo de prazer...



Juntando o seu encanto à Natureza,
— encanto eterno, que jamais desmaia, —
as crianças dão vida e dão beleza
a esta aguarela viva, que é a praia!

— Porque me chamas teu irmão mais velho?
— Porque deves ser. És mais forte, vens de mais longe
e a tua força é maior.
— E quem és tu? — perguntou o outro ribeiro.
E a água respondeu, como respondera à papoila e ao
luar:

— A água. Um ribeirinho,
Vindo de cima da serra,
Por entre flores, espigas,
E vou até o moinho
Para refrescar a terra.

— Então, vem daí comigo.
E juntaram-se, caminhando com mais ruído.
Já dominavam as maiores pedras e assombravam as
flores, as borboletas e o próprio luar se admirava quando
via o ribeiro a dormir entre duas fráguas.
Depois a água caminhou, novamente, correu ao longo

da estrada e, daí a pouco, encontrou a azenha parada e o
moleiro muito triste, olhando a ribeira sêca.

Quando viu a água correr, perguntou-lhe:

— De onde vens?

E a água, a cantar, numa voz mais forte e poderosa
disse para o moleiro:

— Venho de cima da serra
Sempre crescendo, crescendo,
Refrescando toda a terra,
Sem nunca parar, correndo,
Para te vir encontrar
E ouvir a tua canção,
Quando a azenha trabalhar
A fazer do trigo pão.

E o velho moleiro, mais risonho, agradeceu e disse:
— Pois continua a caminhar. Há muito que te espe-

ram, campos fora. Tu és a alegria, a vida da Natureza. Não pares, não, caminha e verás toda a terra brilhando mais à tua passagem.

E o ribeiro, que já era rio, de novo correu, fazendo gemer as pedras da azenha.

E via, por onde passava, as flores tomarem cor, os passarinhos cantarem e as árvores florirem.

Depois as raparigas lavaram a roupa com a sua água, cantando, enquanto o rio corria aprendendo as suas cantigas.

Um menino que viu o rio a correr, chegou à sua margem e, como todos os outros, falou à água:

— Dize-me: quem és tu, porque corres tanto e para onde vais?

E a água parou, encheu o leito até onde estava o menino e respondeu:

— Vou correndo p'lo caminho,
Venho de cima da serra,
Por entre flores, espigas,
E fui até o moinho,
Refreshando toda a terra.
Sou rio, fui ribeirinho
E já vi as raparigas
Lavar a roupa a cantar,
E vou crescendo, crescendo,
Por entre serras correndo
Até encontrar o mar.

E o menino, encantado com a história do que fôra apenas um fiozinho de água, pediu-lhe que o deixasse ir com ele — pois nunca tinha visto o mar!

Mas o rio perguntou-lhe:

— Tu não tens medo de mim?

— Não — respondeu o menino, que gostava de ouvir a água.

— Então, escuta — disse-lhe o rio. — Deixa-te ficar por aí, com a tua mãizinha e vem vê-me todos os dias passar, sempre apressado. Eu não paro mais, mas não queiras vir comigo. Em breve eu deixaria de ser assim um rio tranqüilo e tu nunca mais voltarias aqui. Faze o que te digo...

E o menino, lembrando-se do que ouvira um dia à sua mãizinha, disse para o rio:

— Tem graça... Também a minha mãe me recomendou que fugisse de ti, porquê?

— Porque a tua mãizinha só te dá conselhos bons e não deves desobedecer-lhe. Eu, em breve, serei mar e será preciso muito cuidado comigo.

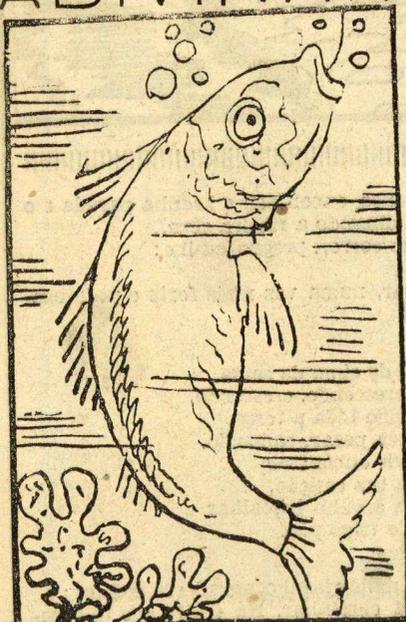
— Então, boa viagem — disse o menino — e vê se podes ser apenas bom, sem assustar os meninos como eu. O rio despediu-se e disse:

— É meu destino correr,
Tenho pressa de chegar,
Venho de cima da serra
E não paro no caminho.
Já encontrei um moinho,
Já refresquei toda a terra,
Vou num constante crescer
E só descanso no mar.
Adeus e tem juizinho...

E partiu ao seu destino enquanto o menino se afastou, aproveitando o conselho do rio e dando razão às coisas que a mãizinha lhe dizia.



ADIVINHA



Meus meninos:

Vejam se descobrem onde se encontra o pescador.

O NOSSO CONCURSO:

«UMA VILA COMPLETA»

Em Março deste ano o «Pim-Pam-Pum» anunciou este novo concurso, baseado nas seguintes condições: — A medida que fossem sendo publicadas as construções que constituiriam a referida «Vila completa», os nossos amiguinhos, que pretendessem concorrer a ele, iriam armando essas construções até formarem o conjunto total, dando-lhe a disposição que melhor entendessem. Feito isto, mandariam tirar uma fotografia, reproduzindo o seu aspecto geral, da qual nos enviariam uma prova fotográfica com que participariam no nosso concurso.

Estando terminada a série de construções que constituem a vila, ficamos aguardando as referidas provas que deverão vir acompanhadas do nome e morada dos concorrentes.

Brevemente publicaremos a lista dos prémios.

CONCURSOS PARA OS MENINOS COLORIREM

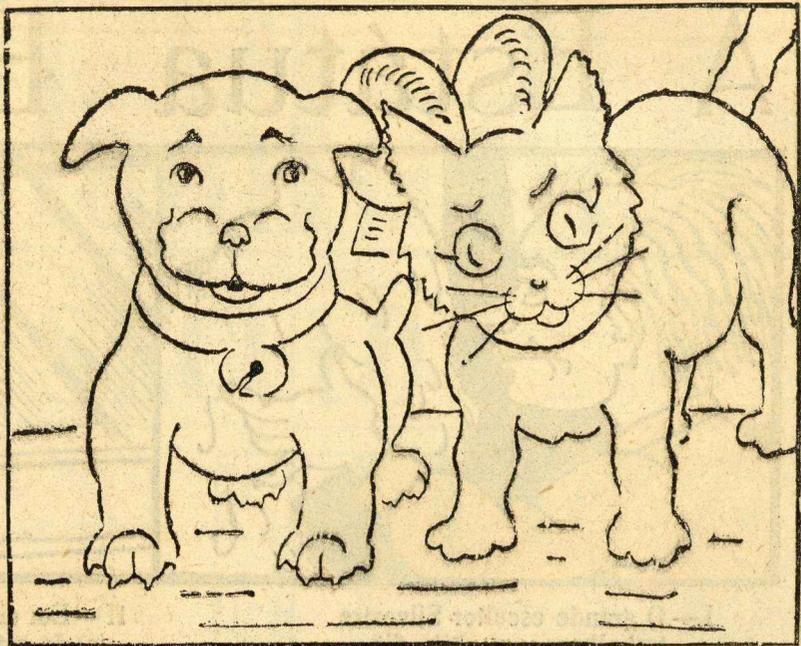
CHARADISTICOS

POR AMÉRICO TABORDA

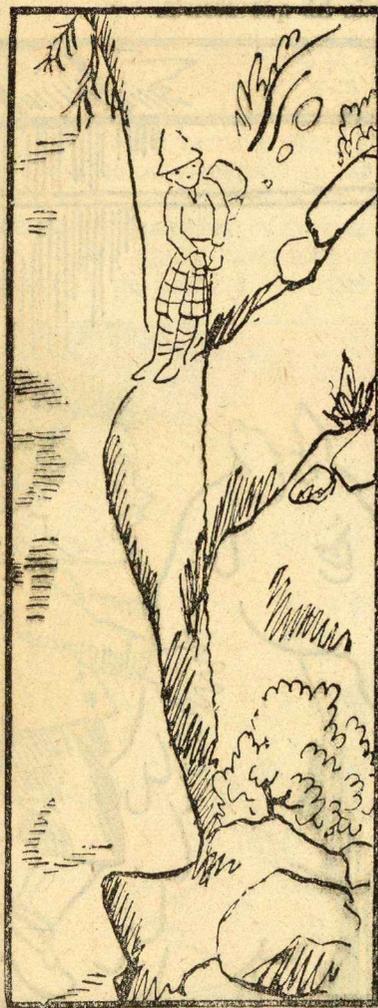
NOTA: — Toda a correspondência referente a esta secção deve ser endereçada *Américo Taborda (Rei do Sébo) — «Pim-Pam-Pum» — R. do Século, 43 — Lisboa.*

Decifrações do n.º 12

1—*Japão*, 2—*Carrega-carga*; 3—*Caruncho-cacho*; 4—*Século*; 5—*MOIMENTA DA BEIRA*; 6—*DE VEZ EM QUANDO*; 7—*Faro*; 8—*Armando-Armindo*.



A DIVINHA



Meus meninos:

Vejam se descobrem onde está o outro alpinista.

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

N.º 6 — *ZÉ QUITOLAS* — 6 votos
N.º 5 — *ZÉ GUINORO* — 3 »

OUTRAS VOTAÇÕES

N.º 7, 2; n.º 1, 1.

Decifradores

QUADRO DE HONRA

Anjocarfer, Fernandoso, Zé Gaspar, Zé Guinoro, Zeuzinho.
(Decifraram 8 — *Totalidade*)

QUADRO DE MÉRITO

Alfredo Matos, António C. Abreu, 7 — António Freire, Ariévilo, Chalet d'Ossos, 6 — Um decifrador, 5 — Afonso L. Portugal, Fernando B. Cunha, 4.

OUTROS DECIFRADORES

Manuel José F. Rocha, 3.

Nota

Por lapso, não foram incluídos no Quadro de Mérito, referente aos resultados do n.º 11, os concorrentes António C. Abreu e «El Estudiante», respectivamente com 6 e 5 decifrações. Por conseguinte, devem ser contados mais 2 votos ao ponto n.º 5, de «John Diff».

Correio

Fuguigas. — Cá fica inscrito para os próximos concursos.
João Mendes e Velho Sobrinho. — Se querem ver satisfeito o vosso desejo, basta consultar o «Pim-Pam-Pum!» de 4 de Outubro de 1934.

PRÉMIO MERECIDO

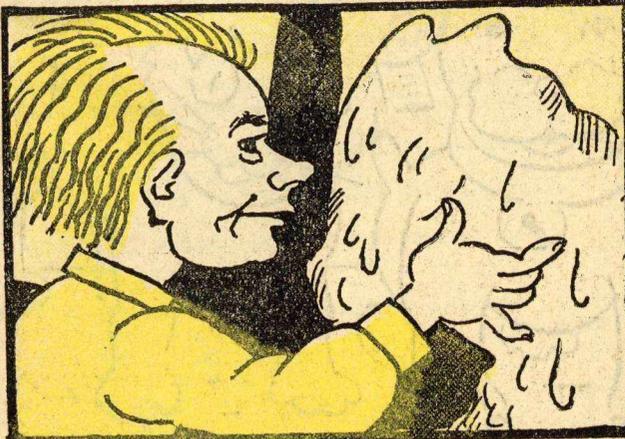
(Continuação da página 3)

Na Colonia Balnear Do «Século», irás achar Saude, força e vigor!...» —

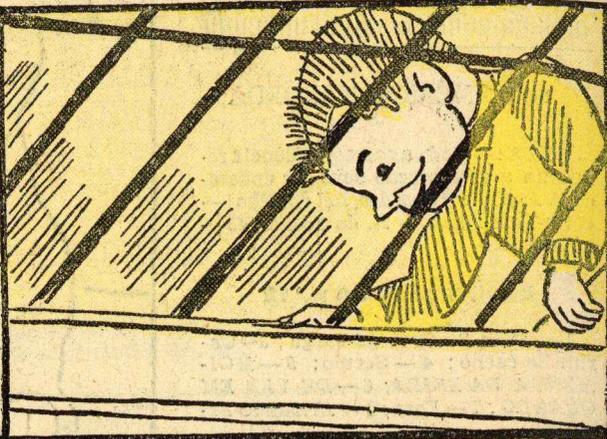
Hoje é ver o Josézinho, Na Colónia, asseadinho, Alegrementemente a brincar! E, num travêso sorriso, Dizer que está no paraíso Donde não quiere voltar!

Bem haja o «Século», o jornal Que no soberbo Ideal Da Raça revigorar, Fundou para as criancinhas, Sem amparo e pobrezinhas, A Colónia Balnear!...

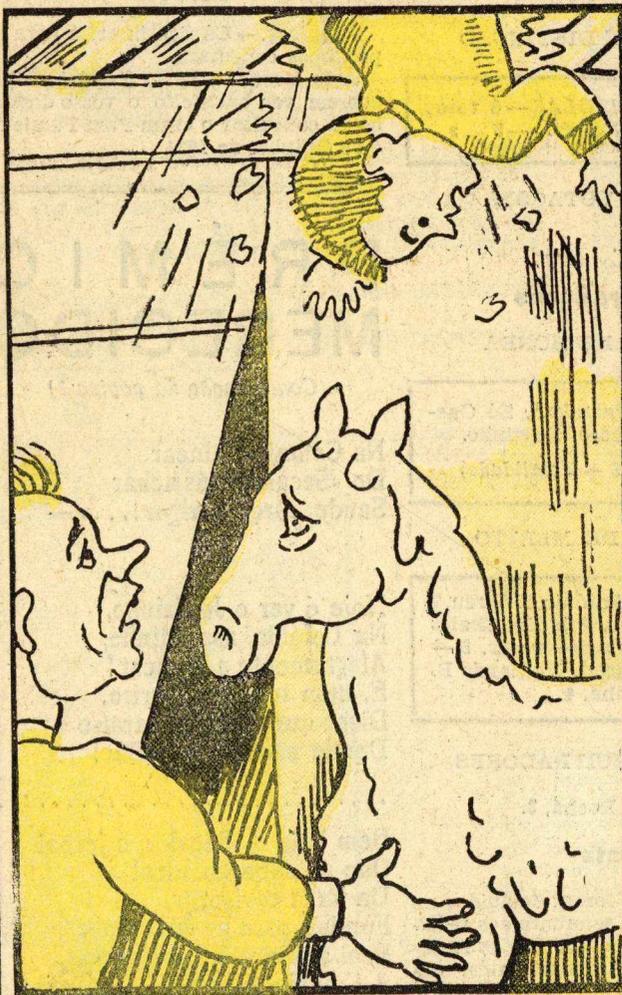
A Estátua Eqüestre



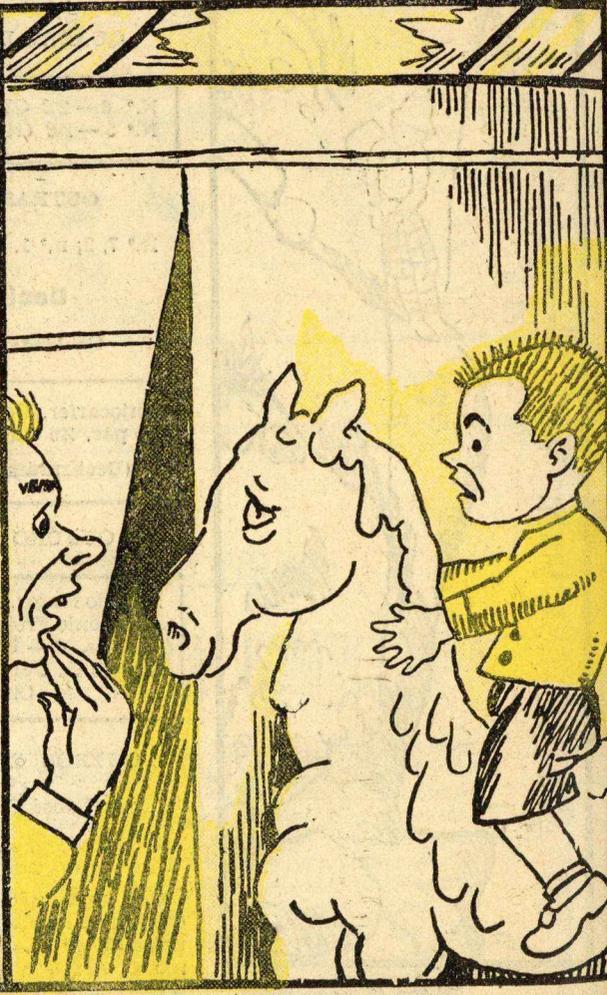
I — O grande escultor Silvestre trabalhava, um certo dia, numa grande estátua eqüestre, que bom lucro lhe daria.



II — Em cima, na clarabóia do estúdio do grande artista, pôe-se à espreita o «Zé Rambóia» a quem nada há que resista.



III — Mas tanto se debruçou, que a vidraça, dando um estalo, se partiu e êle tombou, caindo sôbre o cavalo.



IV — Então, de inspiração falho, o grande escultor, pasmado, vê completo o seu trabalho, inda antes de terminado.